



MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. *Inclusão e sexualidade: Na voz de pessoas com deficiência física*. Curitiba: Juruá, 2011, p.186.

## INCLUSÃO E SEXUALIDADE: NA VOZ DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

Jordana da Rocha Bittencourt<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho sintetiza e discute alguns aspectos que contribuem para desmistificar a sexualidade de portadores de deficiências físicas, compreendendo a dimensão sexual da vida destas pessoas, por meio dos relatos dos próprios deficientes, em que são apresentadas as histórias destes sujeitos. A sexualidade é entendida como uma construção social acompanhada de inúmeros valores e significados. Em meio a este amplo conceito cultural de sexualidade, é que se percebe o quanto esta está envolvida por preconceito e discriminação; quando atrelada ao conceito de deficiência, estes assumem proporções ainda maiores.

**Palavras-chave:** Deficiência física. Sexualidade. Educação sexual. Preconceito.

### Abstract

This paper presents a synthesis and discussion of some aspects which contribute to demystifying the sexuality of people with disabilities while understanding the sexual dimension of their lives through their own testimonials – therefore presenting their histories. Sexuality is seen as a social construct accompanied by countless values and meanings. Amidst this broad cultural concept of sexuality, it is possible to perceive how this very concept is intertwined with prejudice and discrimination. When connected to the idea of disabilities, they escalate to even higher proportions.

**Keywords:** Disabilities. Sexuality. Sexual education. Prejudice.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Fisioterapia pela Universidade da Região da Campanha (2008). Atualmente é fisioterapeuta e instrutora do método original de pilates e quiropraxista

Escrito por Ana Cláudia Bortolozzi Maia, o livro *Inclusão e sexualidade: na voz de pessoas com deficiência física* se propõe a problematizar os estigmas de “falta” de sexualidade de pessoas portadoras de deficiências físicas, em que o aspecto orgânico pode comprometer a resposta sexual. A autora traz o relato destas pessoas – os próprios deficientes.

Esta obra é o resultado de sua pesquisa de pós-doutorado (*Inclusão e sexualidade: questões afetivo-sexuais em pessoas com deficiência física*). Ana Cláudia Bortolozzi Maia apresenta a vida das pessoas com deficiências, dando voz a elas, mas sem vitimizar estes sujeitos. Em vez disto, proporciona visibilidade a suas histórias. Conforme a autora:

Apesar de serem múltiplas as condições que podem afetar o corpo e marcá-lo como uma deficiência física, gostaria de enfatizar a relação entre as lesões medulares e a sexualidade, porque considero essa uma das condições que mais afeta o corpo e as funções da resposta sexual, embora ainda sejam poucos os esclarecimentos disponíveis (MAIA, 2011, p. 72).

A autora inicia esta obra, no primeiro capítulo – “Reflexões sobre sexualidade e a educação sexual” – com um apanhado explicativo sobre sexualidade dentro de um contexto social, cultural e histórico. Traz uma breve discussão sobre a educação sexual presente na família e em outras instâncias de educação social.

A sexualidade se refere a um conceito amplo, considerando questões fisiológicas, psicológicas e sociais. Embora a sexualidade possa ser explicada por suas questões orgânicas, a manifestação desta é fortemente influenciada por fatores psicossociais, que sofrem influências do meio, na medida em que sua expressão envolve a relação entre as pessoas em um determinado contexto social.

A educação sobre sexualidade, intencionalmente ou não, segue um padrão dominante imposto pela sociedade para normatizar o que se entende sobre sexualidade. Atitudes sociais como gestos e discursos são responsáveis por influenciar e educar sexualmente os comportamentos. Estas atitudes, muitas vezes, em vez de educar sexualmente estes sujeitos, acabam servindo como fatores de repressão sexual, na medida em que esse padrão normativo e crítico não possibilita a adaptação de indivíduos deficientes, o que gera sofrimento para essas pessoas.

No segundo capítulo do livro – “A sociedade inclusiva e as deficiências” –, a autora se dedica a apresentar definições de normalidade e diferença. O conceito de diferença é trazido com base em padrões definidores de normalidade.

Os conceitos de normal e anormal são definidos em contextos sociais e culturais relacionados às condições históricas. A diferença, assim, só existe diante do que se entende por norma e padrão, sendo julgada como desvio, pois esta é percebida como desvantajosa em face da “normalidade”. Desta forma, o significado do que é “normal” não passa de uma construção social, em diferentes culturas e em determinados momentos históricos.

No caso dos deficientes físicos, ser diferente implica carregar os estigmas de características desvantajosas, diante de uma sociedade que posiciona os sujeitos com base na produtividade e na capacidade, de acordo com o que é estabelecido como um padrão ideal em determinado contexto.

A deficiência é intrínseca ao indivíduo, mas os seus significados e atribuições são uma construção social produzida pelos contextos cultural e histórico em que se manifesta.

O deficiente, por muito tempo, foi esquecido e silenciado, justamente por ser diferente e carregar características de desvantagens diante do padrão dominante:

A organização social é direcionada para pessoas sadias. A crença em valores como saúde, eficiência e a beleza, em nossa cultura são considerados absolutos e lidamos com a deficiência, pautados nesses modelos e criando mitos e crenças sociais que são diretamente responsáveis pela percepção distorcida sobre ele (MAIA, 2011, p.47).

Uma sociedade, que se pretenda inclusiva, deve prever o acolhimento de todos os indivíduos, deficientes ou não, proporcionando a todos condições de exercerem seus direitos.

Em outro momento do livro – “O corpo com deficiência: autoestima e relações familiares” –, são abordadas questões sobre as relações familiares e as deficiências, imagem corporal e autoestima e a visão do corpo com deficiência ao longo da história.

A autora discorre sobre as fases da deficiência, fazendo a ligação com a representação familiar sobre a pessoa acometida. As relações dos deficientes físicos com a família são complexas e muitas vezes contraditórias. Há o cuidado, afeto e auxílio, mas, também, uma superproteção que pode prejudicar sua reintegração na sociedade.

Em seguida, traz o conceito de imagem corporal e a sua articulação com a autoestima assim como a influência que esta sofre com as relações entre os pares e familiares. Em suas palavras:

compreendemos por autoestima a maneira pela qual os indivíduos aceitam sua própria identidade, incluindo aí uma boa imagem corporal e uma aceitação dos aspectos afetivos e sociais inerentes a sua existência (MAIA, 2011, p.55).

Ana Cláudia Bortolozzi Maia apresenta, então, alguns autores os quais explicam como o corpo portador de deficiência era visto em épocas passadas e em diferentes culturas e como estes corpos eram tratados.

A deficiência sempre existiu; o que muda constantemente é o modo como essas pessoas, portadoras de deficiência são tratadas pelas sociedades ao longo da história. O corpo deficiente foi considerado historicamente como negativo, principalmente pelo fato de não responder às exigências de cooperação social da mesma forma que as outras pessoas.

Em outras épocas, o pensamento eugênico era que quem nascesse com algum tipo de deficiência deveria ser sacrificado. Atitudes assim eram tomadas baseadas em noções de produtividade e contribuição para com a sociedade. Posteriormente a deficiência ainda era vista como um castigo, mas o deficiente poderia permanecer vivo, ainda que sem a participação na sociedade, até o momento histórico em que o que prevalecia ainda era a concepção de produtivismo, o corpo deficiente era avaliado não pelo que ele conseguisse realizar, mas, sim, por suas características desvantajosas. Contudo, este último momento histórico foi favorável para a reabilitação de pessoas com deficiências físicas, pois foi a época em que se intensificaram a produção de conhecimentos, técnicas e aparelhos com fins terapêuticos. Atualmente, a representação de deficiência é a que gera piedade e emoção social.

“Sexualidade e deficiências físicas” é o título do quarto capítulo no qual são apresentados vários estudos sobre

as relações afetivas e sexuais de pessoas com deficiência, enfatizando as lesões medulares e os mitos e crenças sobre a sua sexualidade. Maia se dedica a falar como essas pessoas portadoras de deficiência são vistas (ou melhor, como não o são) em vários contextos sociais e de como a sexualidade é um marcador, já que estes sujeitos não são percebidos como portadores de uma identidade sexual. Além disto, a sua imagem como uma que não corresponde com a “normalidade”. Estas duas questões atreladas acabam determinando a vida afetiva desses indivíduos.

Atualmente, institucionalizou-se que a inserção da pessoa com deficiência nos espaços escolares, empresariais e, até mesmo, culturais é primordial para a reafirmação e a reintegração desses sujeitos na sociedade. No entanto, há um silenciamento, quando se trata de questões afetivas e sexuais, como se a sexualidade não influenciasse na subjetividade e na construção dos sujeitos.

A autora traz um apanhado de explicações sobre lesões medulares assim como a ênfase nos estudos sobre a sexualidade de lesados medulares que acaba recaindo nas questões orgânicas. Entretanto, a sexualidade não se esgota em temas relacionados à genitália, pois, para os próprios deficientes, a sexualidade é baseada em aspectos psicossociais. Maia traz também vários estudos sobre sexualidade relacionada ao gênero e sobre como homens e mulheres portadores de lesões medulares lidam com suas sexualidades; uma relação dos principais mitos e seus respectivos esclarecimentos sobre a sexualidade de pessoas com deficiência.

As limitações orgânicas decorrentes de algumas lesões medulares são um fato. Porém, não necessariamente haverá impossibilidade de manifestação da sexualidade, entendida pelo conceito amplo de que a sexualidade é também socialmente construída. “Pois a expressão sexual poderá estar modificada em alguns casos, mas a sexualidade nunca deixará de existir” (MAIA, 2011, p. 80).

Os mitos sexuais se caracterizam pela forma marcante como a sexualidade do deficiente é percebida, dentro de contextos normativos e ideológicos, que apresentam uma única forma de viver a sexualidade e desta extrair felicidade e satisfação pessoal.

Finalmente, no quinto capítulo – “A sexualidade a partir do relato de pessoas com deficiência física” –, a autora apresenta os participantes da pesquisa e seus relatos. É importante ouvir as pessoas que vivem a deficiência física em seu cotidiano, pois, com base na experiência do sujeito, partilhando sua subjetividade, sua intimidade, suas percepções e concepções de mundo, o leitor pode visibilizar as mudanças e adaptações que ocorrem nas relações sociais e sexuais daquele que é estigmatizado pela deficiência física. Os relatos abordam os mais amplos aspectos de suas vidas, como: suas relações com a família, amigos, trabalho, religião, percepção de preconceito e como os participantes aprenderam sobre sexualidade.

Em síntese, a omissão sobre o ensino da sexualidade nas escolas ou por parte dos familiares é constante para pessoas com deficiências. No entanto, com base nos relatos dos participantes, o aprendizado sobre sexo e sexualidade aconteceu por iniciativa destes, em conversas com amigos ou médicos de confiança. O trabalho permeia a vida desses sujeitos como uma atividade que possibilita inserção social e independência.

Pode-se comentar de como o preconceito é percebido pelos participantes. Alguns acreditam que o preconceito é a maneira como o próprio deficiente se percebe enquanto sujeito, mas os relatos evidenciam, principalmente, a negação social da sexualidade, com base em atitudes que infantilizam a sexualidade da pessoa com deficiência.

As relações sociais e de amizade são significativas nas experiências psicossociais desses sujeitos, sendo estas a base para suas vidas sociais. Já as relações de amizade com outros deficientes possibilitaram aos participantes a reconstrução da identidade, a melhora da autoestima e a aprendizagem de habilidades importantes na convivência com a deficiência.

A família proporciona uma sustentação imprescindível na vida de pessoas portadoras de deficiências. Entretanto, os exageros despendidos nos cuidados com esses sujeitos acabam por superprotegê-los, especificamente no que diz respeito à sexualidade, ficando claro que esse aspecto continua desprezado.

A percepção de beleza interior é ressaltada, após a deficiência. Atualmente, somos todos imersos em discursos sobre estética e beleza e a concepção de beleza muda após a deficiência, tanto na forma como esses indivíduos se percebem quanto em como enxergam os outros corpos. A imagem corporal deteriorada pela deficiência não foi manifestada pelos participantes, mas, sim, a aceitação da deficiência por meio de um corpo que pode ser apreciado, principalmente, por suas qualidades interiores.

Relacionamentos afetivos fizeram ou fazem parte da vida dessas pessoas, com as mesmas expectativas que todos temos, deficientes ou não, de viver uma vida sexual e amorosa. Esta obra ressalta a forma como os participantes se reconhecem: dotados de sexualidade, percebida de forma ampla, sem se restringir à genitália, evidenciando sua dimensão como um fenômeno orgânico, psicológico e social.

Ana Cláudia Bortolozzi Maia encerra seu livro provocando-nos a pensar e a nos preocupar com a educação sexual e social que acabamos por produzir não somente no âmbito da escola, já que o processo educativo não se restringe a esta. Entende-se que a educação ocorre em vários espaços da nossa sociedade, que produzem e reproduzem significados, ensinando sobre como se deve agir e se posicionar socialmente e sexualmente. Neste sentido, influenciamos e somos constantemente influenciados(as) sexualmente. Assim, precisamos problematizar o que está naturalizado, com o intuito de incluir as pessoas que não partilham destes mesmos signos, neste caso, os(as) que são estigmatizados(das) pela deficiência física.

*INCLUSÃO E SEXUALIDADE: na voz de pessoas com deficiência física* é uma obra que traz as histórias dos portadores de deficiências físicas, por meio dos relatos dos próprios deficientes, com tamanha sensibilidade, prendendo nossa atenção desde suas primeiras páginas. Essa nos possibilita pensar para além da sexualidade dos portadores de deficiências físicas: trazemos essas concepções para a vida de todos(as), pois entendemos que não existe uma única sexualidade que deva corresponder aos padrões dominantes. Diferentemente, todas as formas e possibilidades devem ser consideradas válidas e legítimas.